



Chapter Title: Introdução

Chapter Author(s): Carlos Caroso, Fátima Tavares and Cláudio Pereira

Book Title: Baía de todos os santos

Book Subtitle: aspectos humanos

Book Author(s): Carlos Caroso, Fátima Tavares and Cláudio Pereira

Published by: SciELO — EDUFBA

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/10.7476/9788523211622.4>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <https://about.jstor.org/terms>



This content is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0). To view a copy of this license, visit <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>.



JSTOR

SciELO — EDUFBA is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Baía de todos os santos*

Introdução





Taq

Boys
peba

I: dogfiades

Unade
Mazze

Ilha de
paracatu

I: domelo

TERRAS
DE DO
ALVARO
RODRIGUES
TERRAS DE DO
ALVARO
RODRIGUES

Bahia de
todos Santos

P: des

Ilhas
de preamar
da goasvmas

Ilhas
de preamar
da goasvmas



Introdução

*Carlos Caroso
Fátima Tavares
Cláudio Pereira*

Aos ilhéus e populações que habitam o entorno da BTS, resistindo ao descaso dos poderes públicos e governantes e preservando-a como espaço plural de características culturais únicas.

A Baía de Todos os Santos, com superfície de 1.233 km², é o segundo maior acidente geográfico deste tipo no Brasil, com dimensão inferior à Baía de São Marcos, no Maranhão. Fazem ainda parte desse sistema duas outras baías de menores dimensões, respectivamente as de Iguape e Aratu, 56 ilhas, sendo a de Itaparica a maior ilha marítima do Brasil, estuários de rios, manguezais, restingas e matas que compõem seus ecossistemas e formam sua paisagem natural.

Sobre estes substratos naturais foram construídos mais de cinco séculos de história, na qual as populações indígenas crescentemente perderam o protagonismo, desde o momento em que navegadores europeus aí aportaram no primeiro dia do mês de novembro do ano de 1501, e a nominaram em homenagem católica ao dia de Todos os Santos. De paisagem natural e território de ocupação indígena, a BTS torna-se o principal portal de acesso ao território que veio posteriormente a abrigar cidades, vilas, municípios, populações e patrimônio erigido que conformam a paisagem humana e cultural de sua porção insular e entorno. A Cidade do Salvador, fundada em 1549 na península situada entre a borda leste da BTS e o Oceano Atlântico, inteiramente voltada para o mar e para sua defesa, em virtude de sua situação geopolítica estratégica, tornou-se a primeira capital do Brasil e o mais importante centro urbano entre todas situadas na Baía e seu entorno.

Sobre esta cidade, protegida por sua localização privilegiada e fortificada, em seu já clássico estudo sobre *Embarcações do Recôncavo*, Agostinho (1973, p. 7) assim a caracteriza:

De típica feição mediterrânica, com a parte baixa, marinheira e comercial, e a acrópole administrativa e religiosa alongada na península entre o Atlântico e o porto abrigado dos ventos dominante, teve desde cedo, a cidade do Salvador sua vida pendente da navegação interior. Empório do comércio de açúcar, intermediárias entre as plantações do Recôncavo e os mercados de além-mar, e do Recôncavo alimentada com produtos agrícolas – que o gado lhe vinha do norte, das terras da Casa da Torre -, Salvador sempre esteve nas mãos dos que tiveram o domínio do mar. Nas guerras holandesas, na Independência, na Sabinada, mais tarde, para a cidade o ponto decisivo foi perder ou manter as águas da baía, que outro acesso não havia, tão precárias e inexistentes eram as vias terrestres.

Os limites e possibilidades impostos e permitidos pela navegação no mar interior, rios e pelos portos abrigados, assim como pelo acesso fácil à navegação oceânica, somados à inexistência de outras vias, na visão de Agostinho (1973), caracteriza a “[...] dependência da navegação para o transporte, em escala menor, para a pesca”. O desenvolvimento de uma multiplicidade de tipos navais veio a atender estas necessidades, sendo que ao longo do tempo e como resultado da

implantação de outras alternativas muitos destes veículos para transporte de pessoas e mercadorias por via aquática vieram a desaparecer (AGOSTINHO, 1973, p. 7). Como evidência desta grande disponibilidade de equipamentos aquáticos para transporte no século XVI, Agostinho coteja o registro de Gabriel Soares de Sousa (1938, p. 174 apud AGOSTINHO, 1973, p. 7): “[...] se ajuntarão na Bahia mil e quatrocentas embarcações... e mais de duzentas canoas, e todas estas embarcações mui bem remadas [...]”.

A introdução posterior de meios terrestres de transporte motorizado (rodoviário e ferroviário), assim como de novos tipos de embarcações, de maior tamanho e capacidade de cargas e passageiros, constituiu um dos fatores que veio a causar a perda de importância e quase desaparecimento de veículos aquáticos característicos da BTS, tal como das canoas de transporte e pesca e dos saveiros. Os veículos aquáticos outrora usados para transporte e desempenho de atividades de pesca são gradativamente substituídos por embarcações de grande porte que carregam cargas, pessoas e automóveis. Juntamente com esses, as embarcações para uso recreativo e esportivo redefinem a paisagem da BTS, muitas destas utilizando cascos que outrora pertenceram a saveiros, transformados em escunas.

Os antigos saveiros que outrora dominaram a paisagem da BTS em décadas recentes vieram a ser objeto de esforços de preservação e restauração de alguns poucos exemplares que restam, assim como as técnicas para sua confecção. Os incentivos são dados principalmente pela realização de regatas e, muitas vezes, esforços privados para preservar e restaurar tais espécies e mantê-las em uso sob o comando de seus antigos mestres. O recente tombamento do saveiro *Sombra da Lua*, com 85 anos de operação, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é um importante evento para a preservação deste tipo de embarcação, um dos dezenove ainda em operação na BTS, assim como das técnicas de feitura e conservação preventiva dos mesmos.

O conhecimento das intensas atividades e usos navais da BTS requer que se destaque sua importância como depositária de valioso patrimônio cultural subaquático, que resulta particularmente de naufrágios acontecidos durante o longo período colonial e pós-colonial. Estes bens arqueológicos, se devidamente resgatados e estudados, podem fornecer importantes informações de caráter social, político, econômico, ideológico, tecnológico e comportamental. Seu potencial pode ser aquilatado pela referência a mais de 150 embarcações naufragadas na BTS feita pelo historiador José Góes de Araujo (1998). Contudo, os sítios arqueológicos da BTS ainda não receberam qualquer intervenção de arqueologia *stricto sensu* e, devido aos saques e à crescente depredação, muitos destes estão prestes a desaparecer como fonte documental de inestimável valor histórico e cultural. Sobre esta possível tragédia, Agostinho, em artigo publicado em 1989, antecipa e alerta que o patrimônio arqueológico subaquático se encontra ameaçado,

[...] por efeito de uma dilapidação sistemática que resulta do alto valor, intrínseco, histórico ou artístico que as cargas submersas encontradas alcançam no mercado [...] que opera a nível nacional e internacional [...] (AGOSTINHO, 1989, p. 369)

A proposta neste livro é de apresentar estudos do espaço e território da BTS, em aspectos que integram a paisagem física àquela culturalmente elaborada. As formas de viver, fazer, cuidar, ser, crer, enlutar, festejar, comemorar; as expressões artístico-culturais de suas populações e o elaborado imaginário sobre esta parte da Bahia, da qual deriva sua identidade maior, motivou a organização do tomo II do livro *Baía de Todos os Santos*. Neste tomo são abordados os Aspectos Humanos, em sequência ao tomo I, *Baía de Todos os Santos: Aspectos Oceanográficos*. Motivou-nos, particularmente, a proposta da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESB) e o Instituto do Meio Ambiente (IMA) de elaborar esta obra como parte de uma política de desenvolvimento científico e tecnológico, voltada para valorizar as populações, a diversidade de manifestações culturais e o patrimônio material e imaterial, móvel e imóvel, da BTS, assim, de serem estes dois livros marcos de referência para futuros e mais detalhados estudos a serem desenvolvidos sobre esta área.

Para dar conta da tarefa que nos foi confiada, optamos pela definição de linhas e eixos temáticos que recobrissem a grande pluralidade de aspectos, buscando também compor um quadro, o mais rico possível, da diversidade encontrada na BTS, tanto na atualidade como numa abordagem histórica mais aprofundada. Para isso, foi necessário esclarecer algumas questões que atravessaram nossas preocupações com relação à amplitude do empreendimento.

A primeira delas refere-se aos contornos da área investigada, compreendida pelo território dos treze municípios situados na porção insular e entorno da BTS. Dez destes banhados por suas águas – Salvador, Candeias, Madre de Deus, São Francisco do Conde, Saubara, Salinas da Margarida, Maragogipe, Jaguaripe, Vera Cruz, Itaparica – e três, Cachoeira, São Félix e Santo Amaro, que se integram à BTS através do sistema hídrico, da navegação e/ou de características culturais. Os treze municípios abrigam uma população total de 2.783.738 habitantes (IBGE, 2010), contudo, 87,76% desta se encontram no município de Salvador. Considerando que a delimitação da BTS frequentemente tem variadas respostas, foi solicitado aos autores de cada texto que problematizassem esse aspecto em seus respectivos capítulos, de forma que o livro no seu conjunto refletisse essa discussão.

Como orientação mais geral para a organização deste livro, lembramos também que as regiões do entorno da baía – o Recôncavo e a Região Metropolitana de Salvador – não são coincidentes, apresentando, no entanto, importantes áreas de interseções e superposições. Na caracterização do entorno da BTS, pode-se considerar apenas as áreas margeadas e suas populações ribeirinhas ou

estender seus limites às regiões em que se verifiquem continuidades identitárias importantes. A partir de quais aspectos poderíamos caracterizar o “entorno da BTS e sua extensão”, de forma que alcancem densidade conceitual, ampliando os limites do reconhecimento estritamente geográfico?

Ao longo dos capítulos que foram escritos, podemos observar variações em torno da área delimitada por cada um dos autores que tratam desta questão, tanto em perspectiva dos limites físicos quanto históricos, implicando em variações importantes nas concepções da área abrangida. Contudo, o objetivo que temos é exatamente o de explicitar as possibilidades de se apropriar de um termo ou conceito, extraindo dele novos usos para a compreensão da questão que realmente nos interessa: como se caracteriza e se conforma a dinâmica da vida das populações que habitam o entorno da BTS em suas variadas formas (aspectos econômicos, culturais, demográficos etc.)? Como desdobramento dessa questão, ganha relevância a investigação das relações entre Salvador e os municípios do interior e entorno da BTS que historicamente se encontram em sua área de influência.

Os problemas de delimitação e conceituação não se restringem ao entorno da BTS. A própria caracterização do Recôncavo não foge às mesmas dificuldades geopolíticas: pesquisadores como Maria Brandão (2007) e Milton Santos, por exemplo, indicam delimitações diferenciadas. Conforme esclarece Brandão (2007), desde meados dos anos 70, o interesse do governo federal foi crescentemente dirigido à Região Metropolitana de Salvador (RMS), provocando uma redefinição do termo “recôncavo”, que passa a excluir a própria RMS e os municípios ao norte e a oeste dessa região, ficando restrito à região sul e mais 14 municípios de regiões próximas. Poderíamos afirmar, então, que os “recôncavos” são muitos e, principalmente, que são “moventes”, tendo os seus limites administrativos, econômicos e culturais se modificado ao longo do século passado.

A controvérsia dos limites é um indicador das diferenças que atravessam o entorno da BTS e que marcam fortemente a sua ocupação e o desenvolvimento posterior, conformando, ao longo da história, territórios culturais bem demarcados. Como região subsidiária de Salvador, importante referência da “baianidade”, espaço marcado pela pluralidade e enorme desigualdade social – estas são diferentes possibilidades de se compreender o entorno da BTS. (PEDRÃO, 2007)

Como já indicamos, a não coincidência entre os limites geopolíticos do Recôncavo e o entorno da BTS nos leva necessariamente à problematização dos limites das áreas investigadas. Por outro lado, isso não elimina a necessidade de realizarmos um esforço de investigação conjunto, já que ambas as regiões participam de uma mesma trajetória histórica, com seus problemas e potencialidades.

Atualmente, essas regiões enfrentam novos desafios em razão da intensificação do seu potencial turístico, bem como das novas formas de relação com a capital. Analisando a BTS e as condições de vida das populações do entorno,

Ronan Brito (2001) afirma que, apesar de todos os problemas que envolvem riscos de natureza ambiental, a BTS apresenta condições de retomar a sua importância. Mas, para isso, é necessário um grande projeto metropolitano que considere toda a sua diversidade cultural e ambiental, revitalizando a economia regional para investir na alternativa representada pela denominada indústria turística.

O potencial náutico e turístico da Baía é inquestionável; contudo é preciso que limpemos as lentes embaçadas dos nossos óculos para também podermos enxergar que ali também vive um povo que certamente continuará sem grandes perspectivas, mesmo com a chegada de um turismo classe A. Continuarão sempre empregados dos hoteleiros, ganhando uns míseros salários mínimos para arrumar os quartos dos hotéis de luxo ou vendendo bugigangas nas ruas de Itaparica ou Cachoeira. (BRITO, 2001, p. 99)

Outra questão relevante é que a publicação deste livro poderá contribuir para minimizar a assimetria entre a importância histórica das regiões do entorno da BTS na formação da identidade baiana e a escassez de trabalhos que enfoquem a sua diversidade, oferecendo caminho para futuros trabalhos sistemáticos que, transgredindo fronteiras disciplinares, seguramente poderão contribuir com uma compreensão mais sistêmica das questões aqui apontadas.

Neste sentido, Pedrão (2007) aponta a emergência de novos enfoques que buscam superar a perspectiva tradicional escravista, através de uma abordagem mais refinada da complexidade dos processos envolvidos nas transformações históricas da região:

É um problema de sociologia histórica que leva a substituir termos genéricos, tais como o negro, o índio, os pobres, os senhores de engenho, por terminologia mais específica, que revela a pluralidade. Passa-se a falar de diferentes grupos de negros no ambiente rural e urbano e com diferentes tradições; de diversos remanescentes indígenas e da presença indígena na esfera da escravidão; de multiplicidade de condições de pobreza e de diversos capitalistas [...]. (PEDRÃO, 2007, p. 11)

Como o próprio autor afirma, ainda é persistente a falta de articulação entre as perspectivas historiográfica, demográfica, econômica e socioantropológica (PEDRÃO, 2007). Às mencionadas perspectivas, adicionaríamos outras, que transgridem fronteiras disciplinares e campos de saberes científicos, de maneira que seja possível compreender a BTS e suas populações numa perspectiva de sistema articulado e interdependente, cujas características distintas devem ser consideradas em qualquer projeto de desenvolvimento autossustentado que venha a ser elaborado.

O livro encontra-se organizado em três grandes eixos temáticos. O primeiro eixo, intitulado *Formação histórico cultural* é composto por sete capítulos que abordam a dimensão histórica a partir de diferentes perspectivas. O capítulo inicial, de Carlos Etchevarne e Luydy Fernandes, aborda os vestígios arqueológicos de grupos indígenas caçadores coletores – através dos sambaquis – e horticultores ceramistas, construtores de grandes aldeias – identificados na tradição ceramista. O texto de Ubiratan Castro de Araújo leva-nos a familiarizar-nos com os reveses da colonização portuguesa, desde os seus primórdios, em suas interfaces violentas com os Tupinambás que povoavam a região. O capítulo de Maria Hilda Baqueiro Paraíso aborda o mesmo contexto histórico, detendo-se especialmente nas diversas formas de resistência do indígena face ao projeto colonizador. Seguindo adiante, Wellington Castellucci Junior retrata as repercussões, na área do Recôncavo baiano, do importante episódio de resistência escrava nas Américas – o levante Malê em 1835 –, enfocando especialmente os processos ocorridos na então Comarca de Nazaré das Farinhas. A seguir, temos o texto de Mário Mendonça de Oliveira, apresentando uma abordagem histórica das fortificações existentes na BTS, as polêmicas envolvidas nas suas construções e posteriores transformações. O capítulo de Paulo Ormino de Azevedo aborda a dimensão arquitetônica, em estreita articulação com o processo de urbanização da região, desde a formação dos primeiros povoados e vilas. Findando a primeira parte, encontra-se o texto de Fernando Pedrão sobre o processo de formação da economia e sociedade da BTS, enfatizando a importância do Recôncavo na confecção do imaginário social marcado pelo “atraso” e tradicionalidade que caracterizaram o modelo escravista.

O segundo eixo, *Economia, infraestrutura, transporte e desenvolvimento*, compreende seis capítulos. O primeiro deles é o de Sérgio Fraga Santos Faria, sobre a importância da atividade portuária na BTS para o desenvolvimento econômico da região. O segundo, de Fábio Bandeira e Ronan Caires de Brito, retrata aspectos populacionais, socioeconômicos e de divisão do trabalho das comunidades pesqueiras, bem como seus saberes e práticas cotidianas. Ainda no âmbito da mesma temática, João de Pina Cabral apresenta um ensaio de *ergologia* (que aborda os objetos que situam as pessoas no mundo), descrevendo os “modos de fazer” da atividade pesqueira das populações ribeirinhas. O capítulo escrito por Lívio Sansone aborda os efeitos das mercadorias-chave – açúcar e petróleo – para a formação de identidades sociais na região, em interface com os processos de racialização. O texto de Pedro Vasconcelos apresenta um painel das transformações por que passou a baía, sob diversos aspectos: geográfico, econômico e político, onde se podem observar períodos de maior ou menor dinamismo. Encerrando a segunda parte do livro, um pequeno e instigante texto de Sylvio Bandeira de Mello e Silva, no qual ele apresenta os desafios atuais em torno do desenvolvimento da BTS num contexto de globalização.

O último grande eixo do livro intitula-se *Expressões religiosas, artísticas e imaginário baiano*, sendo composto de sete capítulos. Inicia-se com um texto coletivo – Viga Gordilho, Gal Meirelles, Giovana Dantas e Nicole Avillez – apresentando os resultados iniciais de um projeto de oficinas de experimentações artísticas, realizado na Ilha de Itaparica. Inspirado na literatura de Jorge Amado, o capítulo de Ordep Serra e Xavier Vatin retrata os rituais festivos – cívicos e religiosos – que percorrem a BTS. O terceiro texto, também de autoria coletiva – Fátima Tavares, Cláudio Pereira e Carlos Caroso –, realiza um mergulho na diversidade religiosa de Salvador e entorno da BTS, enfatizando sua antiguidade, a dimensão pública diferenciada e as transformações recentes. Seguindo em afinidade temática, o capítulo de Célia Sacramento apresenta as festas na Ilha de Itaparica através de uma abordagem multissituada do fenômeno. Os capítulos restantes exploram o campo da literatura. A BTS retratada na literatura brasileira (tomada numa concepção ampliada) é o objeto do texto de Pedro Barboza. Em seguida, Lícia Soares de Souza nos apresenta a imagem da BTS que emerge do romance *Mar Morto*, de Jorge Amado. Por fim, encerrando o livro, Rita Olivieri-Godet realiza um mergulho na obra de João Ubaldo, destacando elementos que muito contribuíram para fixar o imaginário da Ilha e do Recôncavo.

Nossa intenção com a organização e a publicação deste livro, em resposta a uma proposta-convite já mencionada, é de contribuir para a visibilidade social de processos e dinâmicas socioculturais de cidades e regiões relegadas, atualmente, ao ostracismo da imprensa e ao descaso de políticas públicas adequadas à melhoria de vida das populações que residem e dão a face humana do entorno da BTS.

Esperamos que no conjunto esta obra constitua um documento base para desencadear e fundamentar novas interpretações sobre a BTS. Mais do que uma região geográfica sobre a qual não existe consenso absoluto quanto aos seus limites, esta representa um variado complexo de expressões culturais a exigir a urgente formulação de políticas públicas culturalmente sensíveis e ações gerenciais apropriadas para lidar com a diversidade aí encontrada. Visa-se, assim, contribuir para o enfrentamento de grandes desafios, como a reparação dos danos ambientais e socioculturais, para impulsionar o desenvolvimento ambiental, econômico e humano sustentável; para preservar a diversidade de expressões culturais que lhe dão características singulares; e, por fim, promover a justiça social para as populações que interagem neste sistema através de variadas atividades.

Referências

AGOSTINHO, Pedro. *Embarcações do Recôncavo: um estudo de origens*. Salvador: Museu Wanderley Pinho, 1973. (Série Sociedade e Cultura).

_____. Para um programa de pesquisas sobre arqueologia, história e arqueologia navais da costa brasileira: o projeto Archenave. *O Arqueólogo Português*, v. 4, p. 367-377, 1989.

ARAUJO, José Goes de. *Naufrágios e afundamentos: Costa do Brasil, 1503 a 1995*. 2. ed. Salvador: JM, .

BRANDÃO, Maria de Azevedo. Os vários recôncavos e seus riscos. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras*, v. 1, n. 1, 2007.

BRITO, Ronan. A gestão da Baía de Todos os Santos. *Bahia: Análise & Dados*. Salvador, v. 11, n. 2, p.98-100, set. 2001.

IBGE. Resultados do Censo 2010. *Diário Oficial da União*, 04 nov. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo2010/resultados_do_censo2010.php>.

PEDRÃO, Fernando. Novos e velhos elementos da formação social do Recôncavo da Bahia de Todos os Santos. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras*, v. 1, n. 1, p. 8-22, 2007.

SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, M. (Org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado: Academia de Letras da Bahia: UFBA, 1998.

SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA. Ministério da Cultura. *Patrimônio cultural naval do Brasil*. Brasília: Banco Central do Brasil, 1990.